

OS TRABALHADORES NA CONCLUSÃO DO AÇUDE ARARAS (1958): O RESCALDO OU O FIM DO COMEÇO?

Francisco Magnel Carvalho Rodrigues
Mestrando- Universidade Federal do Ceará
Magmili1@hotmail.com

Resumo:

O presente texto versa sobre os modos de inserção de agricultores trabalhadores migrantes nos serviços de emergências das fases de conclusão do Açude Araras (oficialmente Paulo Sarasate), situado no médio curso do rio Acaraú, no norte do Ceará, a referida represa figura entre os maiores reservatórios do estado, este foi inaugurado em plena seca de 1958, então nos propomos a responder questões como os impactos sofrido na vida dos migrantes operários da obra após sua inauguração, através dos relatos orais cruzados com outras fontes analisaremos as escolhas e estratégias destes sujeitos que resultaram em suas fixações na área do entorno da frente de trabalho após sua finalização. Redes de solidariedade, resistências cotidianas, manipulação de contextos de legitimidades de economia moral por parte destes atores sociais revelam suas agências dentro de sistemas e relações de poder nas obras governamentais de combate as secas naquele período.

Palavras-Chaves: Obras de emergência, Açude Araras, Migrações.

Ah, o 58 foi um seco mesmo que não deu nada, a gente plantou morreu tudo na cova, e o mato cresceu, a chuva não era chuva de criar nada não, agora ainda dão essas chuvas que criam, mas, naquele tempo em 58, era 58 mesmo! Foi seco geral! Não teve chuva normal de jeito nenhum! (MARIA DE LOURDES DO NASCIMENTO, 2019).

Maria de Lourdes¹, era ainda adolescente quando vivenciou a seca de 1958, na época vivia com seus pais e três irmãos mais novos em uma localidade rural chamada Muquem de Dentro, no interior do município de Reriutaba, Ceará.

A depoente relata a intensidade que o fenômeno teve em sua vida, o que a família “plantou morreu tudo na cova”; deste modo, o grupo de agricultores viria a se juntar aos inúmeros retirantes em busca de auxílio para superar a estiagem.²

Após o 19 de março daquele ano, os jornais alardeavam a “grande seca” e as medidas tomadas pelo Estado, como a doação de “Mais de 70 Milhões em Alimentos Para

¹ Maria de Lourdes do Nascimento, é aposentada como trabalhadora rural, na data da entrevista tinha 68 anos de idade, é filha e irmã de ex-operários das obras do Açude Araras, relata que acompanhou de perto as etapas de sua finalização e a posterior fixação da população remanescentes e novos migrantes no entorno da barragem. Maria de Lourdes utilizou o termo “rescaldo” para se referir ao período de conclusão do açude, o significado remete a uma brasa quase apagada, mas que em seu interior conserva o calor intrépido, a metáfora se mostra adequada para representar o processo.

² “O saldo negativo referente à lavoura deve orçar em cerca de 700 mil toneladas de culturas de subsistência (feijão, milho, banana)” (DUARTE, 202, p.98).

os Flagelados do Nordeste” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 02 de abril de 1958) para evitar as invasões dos centros urbanos por aqueles que perderam a principal fonte alimentar. (NEVES, 2000, p. 47).

Este ano ocorreu num contexto de proposição de mudanças nos projetos para o Nordeste, de preocupação com o avanço de movimentos sociais no campo, sendo a ele somados a eclosão de uma grande seca e o calendário eleitoral. Resultado disso foi um número ainda maior de frentes de serviços estabelecidas, como já foi mencionado, movimentando, mais uma vez, uma rede de relacionamentos entre diferentes sujeitos. (FERREIRA, 2016, p. 70).

O ano de 1958 foi o de maiores “despesas realizadas” em “obras contra as secas”, segundo o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas - DNOCS, foram 5.024.987.812,80 cruzeiros (RELATÓRIO DOS SERVIÇOS REALIZADOS PELO DNOCS em 1959, p. 22). Foram acionadas 78 novas frentes de trabalho do governo entre canais, rodovias e barragens, além das obras já existentes. (BOLETIM DNOCS V 18, nº 2 novembro de 1958, p. 32).

No mesmo Boletim citado no parágrafo anterior, tem-se a definição de “O que são obras de emergência”, onde fica clara a justificativa do emprego da mão de obra dos retirantes como auxílio a estes, mas, também, nas entrelinhas, pelo princípio de combate as migrações para fora do estado, ocorrendo, porém, a exploração dos trabalhadores nas obras (BOLETIM DNOCS V 18, nº 2 novembro de 1958, p. 30).

No Ceará, os serviços de grandes vultos recebiam vasta mão de obra dos retirantes, com destaque para a construção do Açude Banabuiú, em Quixadá, na Mesorregião dos sertões cearenses, e o Araras, no então município de Reriutaba, a Noroeste do estado.

As obras do Açude Araras (atualmente Paulo Sarasate), situadas no médio curso do rio Acaraú, foram iniciadas durante a seca de 1951-1953, e desde 1957 passava por um processo de aceleração em sua cadência, sendo prevista e festejada sua conclusão para os meses do meio do ano. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 25 de maio de 1958). Porém, aumentava a procura por alistamento (emprego) naquela barragem.

Outro depoente morador da zona rural próxima do local das obras de construção do Açude Araras comenta que os agricultores da região, impossibilitados do

trabalho na roça, buscaram as obras de emergências do DNOCS como alternativa. Edvar Souza Lopes³ conta que, ainda muito jovem, trabalhava com

[...] agricultura, no Transval, aqui na beira do Rio Acaraú, é município daqui [atual Varjota], eu trabalhava lá, mas veio a seca do 58 foi preciso todo mundo procurar emprego né, tanto fazia quem tinha 18 anos como quem tinha 60, quem tinha 40, tinha que trabalhar né, que tinha emergência aí né, o negócio era emergência não era, era desmatando né, era muita gente, muita, muita, muita. E aí muita gente sofreu, aí dentro do açude tinha os fornecimentos, onde hoje tem água né?! (EDVAR SOUZA LOPES, 2018)

Observamos na citação a ênfase dada ao sofrimento dos operários na obra e a menção aos fornecimentos,⁴ que era o objetivo final dos trabalhadores que migravam para o canteiro de obras do Araras:

Eu vim morar com a minha tia porque era perto do emprego né, aí a gente só andava a pé né, que daqui pra casa da minha mãe era 6 quilometro, sete né, aí pra gente vir pra tá no ponto não dava certo, não, aí eu dormia aí, aí eu me fornecia na cooperativa e eu dizia, mamãe mande o Zé Dilson e o Assis amanhã, de tarde, com esse jumento pra trazer umas coisas, trazer umas coisas, trazer farinha d'água, feijão brogodó conhecido assim, rapadura, café, ela via as coisas do tanto que eu mandasse e eu mandava de acordo com as minhas posse né, não deixava quase saldo não que era como... era um dono de casa né?! (EDVAR SOUZA LOPES, 2018).

O depoimento de Edvar acaba por mostrar que o emprego nas frentes de serviços do DNOCS era uma estratégia de reprodução da vida familiar camponesa, naquele contexto de seca. As ligações mantidas entre o migrante e a família que recebia gêneros enviados por ele é uma evidencia disto.

Assim, as migrações não são determinações apenas do universo econômico. Existe uma conexão entre o modo de vida dos sujeitos, camponeses, antes dessas migrações e depois de seu estabelecimento nas frentes de serviços, mantendo a família no campo.

³ Edvar Souza Lopez, é aposentado, tem 80 anos de idade, colabora com nossa pesquisa relatando suas experiências nas frentes de serviços de construção do Açude Araras e Orós, onde trabalhou para sustentar mãe e irmãos após perder o pai, desligou-se do DNOCS por iniciativa própria, migrou para o Rio de Janeiro em uma curta temporada de estadia, regressou para o Araras, hoje Varjota, onde mora atualmente.

⁴ O “fornecimento” era um comercio de gêneros básicos credenciado pelo DNOCS para estabelecer vendas por antecipação aos operários das frentes de serviços, os trabalhadores recebiam um registro em suas cadernetas pelo dia de trabalho, o ponto, cada ponto de uma diária equivaleria a um valor monetário.

Considerando os ritmos que a obra adquiria em certas fases de sua constituição, sabemos que estes comprometiam diretamente a rotina de serviços e a vida dos operários que nela se empregavam. Mas em que medida a seca de 1958 e o programa para conclusão da barragem do Açude Araras afetou a vida de seus operários?

Durante a seca de 1958, que foi a segunda da década, foram empregados milhares de retirantes nas frentes de trabalho do Araras (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 04 de maio de 1958). Ao mesmo tempo, a política desenvolvimentista, para acelerar o término da obra, incrementava-a, já em vias de conclusão, com mecanização e transferência para o local de mão de obra especializada (CORREIO DA MANHÃ, 01 de junho de 1958).

Todo o contingente de empregados do DNOCS com vínculos anteriores, incluindo os inúmeros funcionários especializados que foram transferidos do Açude de Pentecoste para o Araras em 1957 (BOLETIM DNOCS V 18, nº 2 novembro de 1958, p. 30), passaram a dividir espaço com os retirantes novos alistados.

Trabalhadores de outras obras, como Açude Curema, na Paraíba, e Banabuiú, em Quixadá, também foram transferidos para atender as determinações de aceleração para a conclusão da obra.

Além disso, os serviços que demandavam mais braços se encontravam já concluídos, como as rodovias que ligavam o local da obra aos municípios de Reriutaba e Cariré, além da barragem principal e torre de tomada de água.

Aquela frente de trabalho então iniciou novos serviços de emergências para abertura da estrada para Santa Quitéria (43 quilômetros a Leste), e outra ligando-a à cidade de Ipu (30 quilômetros a Sudeste). Começou ainda a construção do sangradouro do açude, visando absorver a multidão de trabalhadores que cercava o canteiro de obras em busca de “colocação”.

Eu me lembro, eu tava em 58, mais cedo do que isso, 5:30, eu tava lá no acampamento, na parede auxiliar [barragem], abaixo da parede, quando eu senti uma quinturona danada, diabo de calorsão, olhei ali onde é a parede hoje, era tudo... vinha alvim de gente, saco na cabeça, mulher com menino no braço, chego você sentia o peso no chão, tum, tum, tum, tum. (SEVERINO DE BARBOSA ANDRADE, 2019).⁵

⁵ Severino Barbosa Andrade, é aposentado pelo DNOCS, tem atualmente 86 anos de idade, foi um dos trabalhadores especializados transferidos em 1957 para as obras do Açude Araras, viera do Açude Curema, na Paraíba, para trabalhar como eletricista no Araras.

Para os recém-chegados, era muito problemático de início encontrar local para ficar; com as barracas do acampamento dos operários todas já ocupadas, os retirantes se arranchavam ao relento, em baixo de árvores ou dividiam moradia com os já estabelecidos quando eram convidados pelos moradores e autorizados pelas chefias da frente, para persistirem no local pelo alistamento.

Começaram a trabalhar, era sábado, domingo e dia santo, onde você chegava, tinha casa aí que tinha 16 morador numa casa só, estranho, as casas não cabia mais, os caba pegavam e faziam uma carreira de estaca de uma pra outra e os cassacos armavam a rede das mulher. (SEVERINO DE BARBOSA ANDRADE, 2019).

Naquelas circunstâncias, com a proximidade das barracas, divisão de moradia por várias pessoas de famílias diferentes, muitas vezes desconhecidas, mas, no entanto, com expectativas e sofrimentos parecidos, os trabalhadores desenvolveram uma solidariedade entre si, dividindo também a alimentação preparada nas barracas.

Agora tinha uma carreira de barraca, cheio de barraca, cada barraca daquela tinha uma mulher cozinhando [barraqueira], cozinhando pra todo mundo, você: - “tá aqui, tantos quilos de carne, entregava a mulher, botava aqueles tachão no fogo, um tacho daqueles cozinhando dava pra duas, três turmas comer, comia do seu, comia do meu, fazia uma panela de café era pra todo mundo, e eles não brigavam não, se fosse outro brigava. (SEVERINO DE BARBOSA ANDRADE, 2019)

Muitos trabalhadores rurais de localidades mais próximas se empregavam no Araras e mantinham as famílias em seus locais de origem, realizando viagens diárias ou semanais para entregarem os suprimentos adquiridos em troca do trabalho, como fazia Edvar, citado acima.

Antônio Gomes da Silva⁶, que possui o bonito apelido de “Valente”, era outro agricultor da região; morava em Cajazeiras com os pais e irmãos, quando, durante a seca de 1958, conseguiu alistamento nas obras do Araras, e explica como se organizava, sendo ele naquele momento o esteio da família.

⁶ Antônio Gomes da Silva, aposentado como lavrador, tem hoje 76 anos, trabalhou nos serviços de emergência de construção do Açude Araras como operário em 1958, atualmente mora no Bairro Pedreiras, periferia de Varjota-CE, na Rua Antônio Romualdo Tavares, s/n, colabora com nossa pesquisa compartilhando suas experiências nas frentes de serviços do DNOCS durante sua juventude.

Lá em casa tinha o pai e dois irmãos, mas não trabalhava não, só era eu. Eu poupava pra quando chegar ir no Macaraú comprar dois quilo de feijão, dois de farinha... outras coisinhas velha que eu... pra dá de comer a eles, aí ainda levava um pouquim veiiii, quando dava, quando não dava eu deixava, quando era, quando eu chegava lá, quando era no outro dia ia pro fornecimento, tirar coisas, as coisas... um quilo de feijão e uma rapadura veia preta e eu passava a semana todinha com isso. (ANTÔNIO GOMES DA SILVA, 2018)

Porém, com o agravamento da seca, aquela população flutuante que ocupava o canteiro de obras apenas durante os serviços precisou, em grande medida, trazer os parentes para junto de si, para viverem também no acampamento dos operários.

Nesse tempo foi em cinquenta e oito [seca de 1958], não tinha água, não choveu, aí viemos embora, porque não tinha água, o papai foi buscar nós, a família todinha, os filhos, nós só morava lá mais a mamãe e o papai só ia de quinze em quinze dias, daí nós viemos embora, porque não tinha água, daí o papai arrumou um casebrezinho na Pedreira e nós viemos morar lá, na construção, e as máquinas eram tudo trabalhando lá, tirando terra, os trator aquelas vespas, e a... tudo trabalhando, daí o pai trouxe nós, arrumou um casebrezinho lá, porque não tinha aqui, tava tudo cheio, trouxe nós e botou lá. (MARIA DE LOURDES DO NASCIMENTO, 2019)

Com o acampamento de operários “tudo cheio”, muitos retirantes foram colocados para trabalhar e morar nas margens das já citadas estradas que saíam do Açude Araras para Santa Quitéria e para o Ipu.

O sr. Valente (Antônio Gomes da Silva), ao ser transferido das obras do sangradouro para trabalhar na abertura da estrada para Santa Quitéria, devido à distância, não pode mais retornar a casa dos pais com tanta frequência.

E dormia lá na barraca mesmo, não podia ir que era longe, do.. do Macarau... como é? Santa Quitéria pra cá? Era longe rapaz! Segunda-feira, pra nós pegar lá o serviço nós saia daqui meia noite, ia três- quatro [pessoas] pra lá. Pra lá eu passei fome [...] nós do lado das rodagem, eu passei muita fome. (ANTÔNIO GOMES DA SILVA, 2018)

A assistência⁷ prestada pelo Departamento aos trabalhadores, como refere o depoimento, não garantia o mínimo conforto ou bem estar social, principalmente aos últimos alistados, colocados para serviços nas estradas.

⁷ Através dos relatos de história oral, relatórios do DNOCS e notícias de jornais da época, tivemos conhecimento da existência de alguns serviços de assistências aos operários da obras de construção do Açude Araras, assim como ocorria na maioria das grandes obras do DNOCS, o acampamento de operários possuía nas proximidades escola, posto de saúde, cooperativas para fornecimento de gêneros alimentícios,

[...] nas estrada eu passava fome, bebia ruim, ficava carregando aquela água véa amarela, a gente passava tanta sede, tinha vez nós não agoentava nós vinha, contava ia encontrar as carga vea d'agua no camim rapaz, encontrar com muita sede rapaz, pra morrer de sede, agua vea quente rapaz que eita diabo, quente e nós... e nós invadia logo uma carga bebia logo todia, de uma vez só, não chegava nem no lugar lá de botar lá no tanque que era pra aquela água. (ANTÔNIO GOMES DA SILVA, 2018)

O açude foi inaugurado em 31 de julho de 1958, no auge da procura por suas vagas de emprego. De que maneira as levas de trabalhadores se inseriam em tais dinâmicas? Qual foi o impacto sofrido na vida dos trabalhadores daquela frente com a inauguração do açude?

Os retirantes que procuravam alistamento e se empregaram em 1958 não tinham os mesmos rendimentos que os “veteranos” com vínculos anteriores com o DNOCS. O Departamento, através da justificativa das circunstâncias, estava “pagando aos flagelados, a título de auxílio, um salário reduzido [em gêneros]” (DIÁRIO CARIOCA, 12 de julho de 1958).

O sr. João Vicente de Oliveira⁸, por exemplo, era um destes funcionários fixos do DNOCS no Araras. Em registros de cadernetas⁹, no ano de 1956, tinha uma remuneração mensal em média de mais de 800,00 cruzeiros, que, em 1957, subiu para mais de 1.800,00 cruzeiros e, em 1958, seus rendimentos sofreram uma queda, variando entre 1.290,00 e 1.740,00 cruzeiros.

Enquanto isso, alguns jornais denunciavam a exploração dos trabalhadores pelo DNOCS e pelos fornecimentos¹⁰:

Na construção do Açude Araras formigueiros humanos abrem estradas e fazem jus a uma diária de 40 cruzeiros. Entretanto, até agora, os trabalhadores não viram a cor do dinheiro. Recebem pagamento em gêneros. Os fornecedores enriquecem a custa da fome e da desorganização administrativa do governo. A ‘diária’ de 40 cruzeiros

havia distribuição de água e leite para os moradores, mesmo funcionando este sistema de maneira insatisfatória a face assistencialista das obras de emergências por estes meios se representava.

⁸ João Vicente de Oliveira, já falecera, foi esposo de Cezarina Bezerra de Oliveira, outra colaboradora de nossa pesquisa.

⁹ Conseguimos imagens da carteira de registros de pagamentos de João Vicente de Oliveira através de sua esposa, durante a entrevista que realizamos com ela em 05 de maio de 2018 esta nos revelou um arquivo pessoal com documentos do esposo que remetem ao período em que trabalho na construção do Açude Araras.

¹⁰ A longa carga de horária de trabalho, chegavam a 12 horas diárias em dois turnos de 6 horas, o tipo de pagamento em gênero, a mitigação e atrasos nos pagamentos que gerava dívidas com os fornecedores, as condições de trabalho e vida nos alojamentos configura uma relação de trabalho compulsório.

dá apenas, para o trabalhador com família alimentar-se exclusivamente de feijão e só feijão. (CORREIO DA MANHÃ, 11 de maio de 1958).

Além da diferença nos pagamentos, os serviços desempenhados pelos alistados durante a seca eram bastante pesados, insalubres e arriscados.

Ó, eu mesmo, eu mesmo, tava cavando lá, tava cavando assim, aí um cara, era apertado de mais nera!? Imprensado, quando ele tacou o picarete assim pegou bem aqui assim, cortou (mostrando uma cicatriz nas costas). (ANTÔNIO GOMES DA SILVA, 2019).

Devido à procura e ao preenchimento das vagas, em meados de 1958, nem todos os que chegavam ao Araras tinham êxito no alistamento, ao passo que a “Frequência Média Diária de flagelados no Ceará” aumenta a partir dos meses de junho e julho (RELATÓRIO DOS SERVIÇOS REALIZADOS PELO DNOCS EM 1959, p. 21).

Os retirantes, para ter uma maior chance de empregar-se, precisavam estrategicamente “se chegar a um homem grande”. (FERREIRA, 2016, p. 88).

O jornal Correio do Ceará também noticiou, no quarto mês de 1958, que turmas de trabalhadores foram encaminhadas por particulares e pela prefeitura. Primeiro, pessoas transportadas em dois trens “superlotados”, fretados por Tim Mourão de Ipueiras e Rocha Aguiar do Ipu, foram direcionadas ao açude Araras para trabalhar no “desmatamento da bacia hidráulica”. [Correio do Ceará 10/4/58]. No mesmo mês, chegaram outras “turmas” àquele açude, dessa vez, “organizadas por prefeitos das cidades da zona norte”. [Correio do Ceará. 16/4/58]. (FERREIRA, 2016, p. 88).

Na medida que se concluíam as obras, diminuía a necessidade de trabalhadores naquela frente; assim, começou a aumentar a tensão entre trabalhadores e a sociedade ali estabelecida, dirigida pelos comerciantes e chefias das obras:

Esse povo vinha do interior aí, Santa Quitéria, pra esse mundo aí, Pedra Branca, esse mundo aí do sertão, tudo, futiando, pra se empregarem, quando chegaram aí, o homem mais forte que tinha ali dentro da rua era o Félix Ximenes, aí, pra invadir, - invadir o que? Só tinha, aí como se diz, só tinha rapadura, café, sabão, essas coisa, aí o Felix Ximenes chamou os dono do comercio e: -“rapaz, vambora, eu vou dá, eu vou dá pra começar uma saca de açúcar e uma de farinha, e vocês dão uma saca de rapadura, outro dá uma lata de querosene, outros dão um pacote de café grande, eu sei que fez comida pra todo mundo, aquela rua velha, ficou alvim o chão, dormia no chão, fazendo o fogo ali a negrada, outros traziam um pedaço de carne do sertão, assava, mas eles não brigaram com ninguém, quando foi no outro dia o doutor mandou todo mundo ir pro escritório com a caderneta na mão pegando o nome e a idade, da

mulher e quantos meninos tinha e ia se fornecer na cooperativa.
(SEVERINO BARBOSA ANDRADE, 2019)

Na citação, vemos que a presença dos retirantes representava uma ameaça para o comércio e depósitos situados no canteiro das obras e uma maneira de pressionar por alistamento. Uma manobra articulada entre os “homens mais fortes que tinha ali dentro da rua”, no entanto, garantiu uma negociação através da distribuição de sacas de açúcar, farinha, rapadura e outros gêneros, evitando conflitos maiores.

No dia seguinte, o fornecimento na “cooperativa” completava o ajuste das tensões. Mas, nem sempre essa fórmula funcionava; porém, o contexto de legitimidade (THOMPSON, 1998, p.201, e SCOTT, 2002, p. 268) alcançado pelas ações das massas nos momentos de secas, era interpretado pelos retirantes e utilizado por eles a seu favor:

Não, não tinha nada, o governo era quem pagava, invadiam! Eu vi lá bem umas três vezes, chegava a carradona, quem não tava alistado ainda, tinha chegado para trabalhar e não tava alistado. Tá compreendendo? Aí foi eles invadiram, tava com fome rapaz, subiam mesmo no carro mesmo, com fome, também não diziam nem nada... que sacudiam rapadura pros outro que tava em baixo, invadiam, rapaz era ligeiro! Era muita gente rapaz, ave Maria. Homem, homem e mulher também, tudo, invadia. (ANTÔNIO GOMES DA SILVA, 2018).

A fala do sr. Valente mostra a consciência de um dever de reciprocidade entre o Estado e a população pobre em momentos de crise, uma economia moral (THOMPSON, 1998, p. 152) que envolvia também os comerciantes e fornecedores, algo que os levava a relativizar as ações de massa, como os saques, ficando sem punições, sabendo que se fosse em outro momento isso resultaria em repressão severa.

Com todos os fatores confluindo para que o Araras se transformasse em uma atmosfera de tensões sociais explosivas, como em outros momentos, as chefias das obras se utilizavam de transferências de trabalhadores dali para outras obras em lugares distantes: “aí uns foram transferidos, uns que vieram do Banabuiú, voltaram pra trás” (MARIA DE LOURDES DO NASCIMENTO, 2019).

O fim das obras de emergência do Araras preocupava não só os operários, mas também as autoridades das cidades circunvizinhas,

Os trabalhadores do açude Araras querem continuar no serviço-
CEARÁ; 28 (Serviço especial de A NOITE) – Os agricultores da região

de São Benedito¹¹, neste Estado, enviaram veemente apelo ao governo federal, para suspender os cortes feitos no operariado que trabalham no açude Araras, a fim de evitar que eles voltem a ficar famintos e procurem invadir outras localidades. Sic. (A NOITE, 28 de setembro de 1958).

Os retirantes que tiveram seus pontos cortados após a inauguração da barragem buscavam maneiras de prestar serviços a particulares da região: “Rapaz, uns procuravam aqueles proprietários para ir tirando lenha pra vender, essas coisas assim, mas, era particular, não era do DNOCS não, era pros fazendeiro pra acolá”. (FRANCISCO RODRIGUES LEITÃO¹², 2019).

Parava, parava quando era assim, que todo mundo ia plantar né, chegava o inverno né, todo mundo ia plantar, aí parava né. Quando era no verão, na seca mesmo, era registrado a seca né, aí, agora não, agora a coisa ta mais coisada que... é máquina. É... (ANTÔNIO GOMES DA SILVA, 2018).

Esta alternância entre o trabalho nas emergências e nas roças, dentre outros, possibilitaram a permanência de migrantes que se estabeleceram no entorno do Açude Araras: “e aí quando choveu, aí eu tava trabalhando na emergência, fazendo aquele rip rap que chama, que é botando aquelas pedras, aí o feitor disse mesmo assim: - “quem quer cinco ponto pra ir plantar?” Eu disse – “Eu quero”, aí eu peguei os cinco pontos e desabei lá pro Muquem [Reriutaba-CE], plantar lá. (Antônio Francisco do Nascimento, 2019)¹³

Deste modo, após a estiagem, quando chovia bem, como ocorreu em 1959, os retirantes em grande maioria lavradores, procuravam reconstituir seus roçados:

Porque a maioria era lavrador, aí tinha que ir, aí eles iam trabalhar na roça né, porque choveu, aí deu legume, nesse tempo deu muito legume, depois do 58, 59 deu as chuva boa, o inverno foi bom aí todo mundo foi trabalhar, entendeu? (MARIA DE LOURDES DO NASCIMENTO, 2019)

¹¹ O município de São Benedito fica na Serra da Ibiapaba à 65 quilômetros de distância dos locais das obras do Araras, a preocupação dos moradores daquela cidade com a volta dos “famintos” demonstra a intensidade das tensões sociais e o alcance de influência dos serviços do Açude Araras como atração de mão de obra dos migrantes.

¹² Francisco Rodrigues Leitão (Chico Tem-tem), tem 84 anos de idade e é outro aposentado pelo DNOCS que trabalhou nas frentes de serviços do Açude Araras. Reside atualmente em Varjota-CE.

¹³ Antônio Francisco do Nascimento é aposentado pelo DNOCS, tem 78 anos, é irmão de Maria de Lourdes, outra entrevistada que citamos, trabalhou como operário nas obras de construção do Açude Araras em 1958.

Assim, o canteiro de obras do Araras foi se esvaziando gradativamente, os serviços foram sendo concluídos e a dispensa e transferência do pessoal daquela frente foi quase total:

Aí começou a fracassar o emprego aqui né, começaram a tirar os funcionários quase tudo pra lá, e ficou só os que necessitavam ficar aqui que ainda tava no *rescaldo* da parede, certo?! Começaram a trabalhar rescaldando a parede, colocando aquelas pedras, para o lado de dentro, colocando piçarra para o lado de cá, plantando grama, tudo isso eles começaram a fazer depois que foram embora para Orós, vamos dizer que era o *rescaldo* da parede. (MARIA DE LOURDES DO NASCIMENTO, 2019).

Muitos trabalhadores que levaram a família para morar no acampamento do Araras, ou constituíram-na por lá, não a transferiam facilmente para outras obras:

Não, ficava, e os maridos saíam, ia trabalhar fora, mas, quando dava no fim da semana eles tavam aqui, na casa, em casa, junto com a família e traziam mantimento de lá pra dá de comer a família aqui, que ficava aqui, nesse lugar aqui, era assim. (CEZARINA BEZERRA DE OLIVEIRA, 2018).

Além da família, as moradias já conquistadas eram outras formas de “enraizamentos” dos migrantes no Araras. Severino, por exemplo, justifica, com esse argumento, o motivo pelo qual não quis seguir para outra obra. Ele diz: “porque eu já tava construindo uma casa aqui, sair com os troço na cabeça daqui pra lá, que a coisa pior do mundo é muda, você não tem nada pra levar, mas, se você for se mudar de um poste desse pro outro você quebra um bocado de coisa. (SEVERINO BARBOSA ANDRADE, 2019).

A incerteza em relação ao novo lugar, ao novo serviço, era outro motivo de apego dos trabalhadores ao Araras, já conhecido por eles:

Não, eu fui indicado pra ir toda vida pro Orós, mas não quis ir não, agoentei com o chefe aqui, conversei com ele até ficar, não adianta, talvez ia pra lá, quando depois eu não ia voltar lá pra minha terrinha, ou pra outro canto, talvez tivesse ficado no Orós, eu não queria mais sair daqui! Não, já tava aqui rapaz, já casei e vou andar com as coisas na cabeça pra cima e pra baixo, e muito que pediram pra ir se arreponderam, que o Orós era lugar de acidente, acidente era... cê não conhece o Orós não, o Orós era muito acidentado [...] (SEVERINO BARBOSA ANDRADE, 2019).

Mesmo considerando suas idas e vindas, em grande parte, aqueles migrantes permaneceram no entorno do açude: “acabaram ficando aqui, outros... uns que vieram pra cá voltaram e outros que vieram de outro lugar vieram pra aqui ficaram, e muitos que foi

pro Orós, ficou no Orós, do Orós tá no Banabuiú hoje, e aí trocou de lugar, né, achou uma coisa melhor. (SEVERINO BARBOSA ANDRADE, 2019).

Àquela altura, o Araras era uma comunidade relativamente estruturada, com posto de saúde, escola, e uma população relativamente grande, pois as populações preexistentes em volta do canteiro de obras, com o passar dos anos (a obra iniciou em 1952), confluíam, principalmente em momentos de seca, para as áreas de concentração dos trabalhadores, como mostramos, e somaram-se as levas de migrantes.

Em local próximo onde foram construídas a barragem do açude e o acampamento dos operários, existia uma comunidade chamada Varjota, então distrito de Reriutaba. O Censo Geral de 1950 (página 95) registrou, lá, a presença de 5.138 habitantes; porém, apenas “75 pessoas” em seus “quadros urbanos”, uma pequena vila nas margens do rio Acaraú, o restante era disperso em seus “quadros rurais”.

Com o fim dos serviços, os moradores do acampamento, que não se deslocaram para outras obras, foram se transferindo para áreas próximas, por interesses particulares ou orientação do próprio Departamento:

Já eles [Os habitantes do distrito Varjota] já moravam lá antes de chegar o DNOCS, quando chegou o DNOCS aí começou, começou a casinha tudo mais, foi ajuntando mais, morando tudo dentro né, que começou a virar uma rua [O chamado povoado Araras Velho], aí o pessoal ficava tudo ali no centro nos barracão, mesmo foi levantada muitas casas dos cassacos, lá, a maioria era as casas dos cassacos, era até aquelas casinhas velhas que derrubaram logo que foi acabando tudo [No fim da obra em 1959], foram derrubando tudo logo. Esse barracão do DNOCS que ficava perto da oficina do DNOCS, é, eles também derrubaram tudo logo, quando foi se acabando derrubaram, se acabou tudo, foi o tempo que começaram a se mudar pra cá, primeiro mudaram logo a feira aí o povo acompanharam aqui para a Piçarreira que chamaram, nessa época chamavam Piçarreira, passou muitos anos, morando a cidade como Piçarreira. (MARIA DE LOURDES DO NASCIMENTO, 2019).

Como vimos na fala de Maria de Lourdes, os remanescentes do acampamento dos operários do Açude Araras, “ajuntados” aos dos antigos moradores da área, principalmente rural, se deslocaram, após o fim das obras, concentrando-se em uma outra região próxima, chamada por muito tempo de Piçarreira, posteriormente voltou a chamar-se Araras, e, por último, depois da emancipação do distrito, em 1985, adotou-se definitivamente o nome oficial de Varjota para toda a área.

Mas, o que teria levado em consideração aquela população para escolher o Araras como local para se fixar? As respostas para esta pergunta são muitas, equivalente à quantidade das pessoas que decidiram ficar multiplicada pelas razões subjetivas e objetivas que ponderaram na decisão. Mas algumas respostas comuns são encontradas.

Aquilo ali, foi comprado terreno, foram fazendo quarto pro comercio ser aí em cima¹⁴ [na Piçarreira], deram terreno pro mercado, deram terreno pra fazer casa, [Pergunto se os trabalhadores foram todos pra lá]; não, uma grande parte, uma grande parte ficou aqui mesmo nas casa que tinham feito, casinha de taipo, hoje tudo é casa boa, depois que o doutor liberou aí pra cada um melhorar suas casas, hoje não tem mais casa de taipa, hoje é só no tijolo mais. (JOSÉ GERARDO GOMES, 2015)

Não pensemos que a ideia de morar no Araras foi universal e imediatamente aceita por adesão absoluta dos moradores da região. Apenas uma parte daqueles ex-operários e circunvizinhos quiseram ou puderam se fixar na área dominada pelo DNOCS, ou em suas adjacências. Mas...

Voltavam, voltaram quando terminou aqui, cada qual procurou, quem tinha mais perto procurou também. E quem vivia mais longe né?! Arranchou-se por aqui, e fez casinha arrumou, foi buscar a família e ficou morando aqui, por que aqui era o lugar, era não?! É! Que o pobre só morre de fome se quiser, por que pegou uma varinha, botou no rí, pra onde tiver tras peixe pra comer a vontade, era só isso que eles queriam pra dá de comer a família, da de comer a... aê! (CESARINA BEZERRA DE OLIVEIRA, 2018).

O trabalho dos operários em ajuda mútua contribuiu para as transferências de muitas moradias do local do acampamento, a chamada “rua velha”, ou “Araras Velho”, para o novo conglomerado. Não foi, porém, um processo instantâneo com a inauguração da barragem: “não, iam aprontando, os que aprontava a primeira, as suas, daqui eles iam, aí iam aprontar... ajudar os outros a aprontar a deles, fazer também a deles pra ir”. (CEZARINA BEZERRA DE OLIVEIRA, 2018).

Com o fim dos serviços de emergência, inúmeras outras atividades foram utilizadas pelos ex-operários para se manterem, mas, em um esforço de permanência

¹⁴ É comum a utilização de advérbios que remetem à topografia do lugar como: “lá em baixo”, “aqui em cima”, “aí em cima” para se referir a comunidade do Araras Velho situado próximo a barragem do açude em terreno de baixa topografia e o Araras (Novo)/Piçarreira situado em terreno de topografia alta.

naquela área, com povoamento relativamente grande, nem todos mantiveram o vínculo com o Departamento, e retornaram para o seu trabalho no campo como serviço ideal.

A trajetória do sr. “Valente” nos permite entrever, entre outras coisas, que o povoamento, após a inauguração do açude, não se sustentou economicamente somente pela infraestrutura ou geração de renda pelo DNOCS: “é não, porque parou mais né, aí eu vim morar aqui na Várzea da Palha, aí quando eu butei na Varzea da Palha, butei, um café, butei um negócio lá, pra eu me virar, mas, eu trabalhando, plantando e tudo, tudo, trabalhando no roçado, aí de lá vim pra rua. (ANTÔNIO GOMES DA SILVA, 2018).

Vemos, na fala de sr. Valente, um movimento gradativo de aproximação para a “rua”, a nova urbe que se formara após a conclusão da barragem, mas, no entanto, seu conceito de trabalho no campo não fora superado nem proletarizado quando experienciou os serviços de emergência ou quando passou a morar em zona urbana, tocando simultaneamente “um negócio lá”, “um café”, e suas roças, pois, ignora o “negócio” como sendo por si um “trabalho”, isto fica claro ao ressaltar que estava trabalhando quando estava “plantando”, “no roçado”.

As mudanças de moradia dos operários, ex-operários e antigos moradores das áreas do acampamento do Araras (Araras velho), dos locais atingidos pelas águas do açude, ou de outras localidades, para a nova urbe que se formava, na “Piçarreira” e adjacências, foram, não somente graduais, mas antes difusas e intrincadas.

As experiências dos trabalhadores da construção do Açude Araras representavam uma miscelânea de escolhas de indivíduos migrantes afetados pela seca e pelo trabalho em frentes de serviços do estado. Em muitos casos, como no Araras, parecia para aqueles envolvidos na obra vantajoso manter-se por perto do local e das estruturas erigidas, mesmo após se encerrarem os serviços de emergência.

Os trabalhadores de frentes de serviços do Araras possuíam experiências anteriores como moradores em terras de terceiros, em grande maioria de pequenos agricultores que eram, sem poderem usufruir de reservas de águas e gêneros de vida em períodos de estiagem. Após as vivências nas obras e no acampamento de moradia, ao se depararem com a infraestrutura construídas por eles mesmos, a maioria de açudagem e rodovias, passavam a ocupar os entornos das obras.

A oferta de água, acesso a moradia própria, possibilidade de trabalho na agricultura familiar, em conjunto com outras fontes de recursos facilitadas pela infraestrutura e densidade populacional nos locais que sediaram obras do governo, envoltos ainda em subjetividades indentitárias de apego ao lugar e a redes de solidariedades e familiares adquiridas no processo de migração, optaram pela fixação na comunidade remanescente das obras, mas não romperam com seus modos de vida camponesa. O “rescaldo” da obra fora na verdade o fim do começo de uma nova comunidade, ou o crescimento daquela que ali nascera.

FONTES:

Fontes Oficiais:

DNOCS. *Boletim*. Rio de Janeiro: DNOCS/MVOP, vol. 18. n 2, nov., 1958.

IBGE, Conselho Nacional de Estatística, Serviços Nacional de Recenseamento, Censo Geral 1950, Série Regional, Volume XIV, Tomo I.

PASSOS, José Candido Parente Pereira. *Relatório de obras executadas em 1959*. Rio de Janeiro: DNOCS, 1960.

DNOCS, Carteira de Registro de pagamentos de João Vicente de Oliveira, Acervo pessoal de Cezarina Bezerra de Oliveira, Sítio Araras Velho, Varjota-CE.

Entrevistas:

ANTONIO FRANCISCO DO NASCIMENTO. Mais conhecido como Maria Preta. Entrevista concedida ao pesquisador Francisco Magnel Carvalho Rodrigues, realizada em 14 de fevereiro de 2019, em sua residência, Rua Dr. Luiz Saboia, nº 1044, bairro Caixa D'água, Varjota-CE.

ANTÔNIO GOMES DA SILVA. Mais conhecido como Valente. Entrevista concedida ao pesquisador Francisco Magnel Carvalho Rodrigues, realizada em 05 de maio de 2018, em sua residência, Rua Antônio Rômulo Tavares, S/N, Pedreira, Varjota-CE.

CESARINA BEZERRA DE OLIVEIRA. Entrevista realizada em 05 de maio de 2018, em sua residência, Sítio Araras Velho, Zona Rural de Varjota-CE.

EDVAR SOUSA LOPES. Entrevista realizada em 04 de maio de 2018, em sua residência, Rua Dr. Luiz Saboia, bairro Caixa D'água, Varjota-CE.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

FRANCISCO RODRIGUES LEITÃO. Entrevista realizada em 08 de janeiro de 2019, em sua residência, Estrada para o Angelim, Zona Rural, Varjota-CE.

JOSÉ GERADO GOMES. Entrevista realizada em 29 de dezembro de 2015, em sua residência, Av. Presidente Castelo Branco (Estrada para Santa Quitéria), nº 329, bairro Acampamento, Varjota-CE.

MARIA DE LOURDES DO NASCIMENTO. Entrevista realizada em 14 de fevereiro de 2019, em sua residência, Rua Dr. Luiz Saboia, nº 1044, bairro Caixa D'agua, Varjota-CE.

SEVERINO BARBOSA ANDRADE. Entrevista realizada em 04 de julho de 2019, em sua residência, Av. Senador Virgílio Távora, bairro Centro, Varjota-CE.

Impressas:

A NOITE, 28 de setembro de 1958;

CORREIO DA MANHÃ, 11 de maio de 1958

CORREIO DA MANHÃ, 01 de junho de 1958

DIÁRIOS CARIOCA, 12 de julho de 1958.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 02 de abril de 1958

DIÁRIO DE NOTÍCIA, 04 de maio de 1958

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 25 de maio de 1958

REFERENCIAS:

DUARTE, Renato Santos. **A seca de 1958: uma avaliação pelo ETENE/ Renato dos Santos Duarte (Organizador).**- Fortaleza: Banco do Nordeste ; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2002. 200p.- (Série Estudos sobre as Secas no Nordeste; v. 1).

FERREIRA, Lara Vanessa de Castro. **Cassacos: Trabalhadores na lida contra a fome e a degradação nas obras públicas em tempos de secas (CEARÁ, ANOS 1950).** 2016. 240 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2016.

NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SCOTT. James C. **Formas cotidianas de resistência.** In. Raízes. Campina Grande, vol. 21, nº 01. 2002.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**/ E. P. Thompson, revisão técnica Antonio Negro, Cristina Meneguello. Paulo Fontes. – São Paulo, Companhia das Letras, 1998.